



Literatura em Quadrinhos: Uma questão de adaptação¹

Marcelo Soares de LIMA²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Nosso trabalho analisa o processo de adaptação de um texto literário para as histórias em quadrinhos, buscando compreender o que se ganha e o que se perde nessa transição de meios; se é possível um livro ser transportado e a história se manter fiel, e ainda atrativa, dentro das características das histórias em quadrinhos; e se o que encontramos é um processo de adaptação ou uma tradução/decodificação da essência do livro para o quadrinho. Para tanto, analisamos quatro adaptações literárias da obra *O Alienista* de Machado de Assis, embasando nossas observações nas discussões promovidas por Sobral (2008), Silva (2009), Rama/Vergueiro (2004) e Ramos (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos. Adaptação Literária. Quadrinhos e Literatura.

A importância que a escola tem para a sociedade acabou transformando-a em objeto de um debate (tão antigo quanto sua própria existência) acerca do papel que ela deve desempenhar. Esse papel social possui um caráter duplo: ao mesmo tempo, ela assume um caráter conservador ao transmitir os valores tradicionais, e, também assume o encargo de contribuir para a transformação da realidade quando proporciona o debate crítico e transmite novos valores.

Num país como o Brasil, onde a educação permanece como uma das áreas mais fragilizadas, com investimentos insuficientes, inserida em um mercado preocupado com a geração de lucro, estruturas precárias e poucos recursos, é necessária uma constante busca por alternativas que despertem o interesse dos alunos por atividades cotidianas de acúmulo de conhecimento como, por exemplo, a leitura. Entre outras providências didáticas, oferecer um texto atrativo (com temáticas interessantes e que sejam visualmente atraentes) contribui para que a criança, ou o adolescente, aprenda a transformar a leitura num hábito que vá além das obrigações escolares. Um meio utilizado há algumas décadas nesse intuito, em alguns períodos com maior resistência que em outros, são as Histórias em Quadrinhos.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012

² Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - marcelo.soaresdelima@yahoo.com.br



Sabemos que até décadas passadas as HQ eram vistas pelos educadores como uma subliteratura, sem muito caráter instrutivo, ou seja, só era considerada unicamente como uma forma de passatempo. Segundo Ângela Rama (2004, p. 85) o processo de introdução das HQ na sala de aula demandou tempo, e em muito resultou do próprio debate entre educadores sobre a introdução de novos elementos para a dinamização do ensino:

A inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram bastante restritas por um texto escrito. Nesse momento, as HQ's apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando sua penetração no ambiente escolar.

As HQ se tornam um modelo atrativo de leitura pela sua particularidade de unir duas riquíssimas formas de expressão cultural: a **literatura** e as **artes plásticas**. Isso a torna uma fonte importante de inspiração para as iniciativas didáticas. Vergueiro (2009, p. 84) aponta que ao longo da sua história as HQ foram sendo utilizadas nos mais diferentes espaços e ocupações da vida humana, mostrando sua importância e probabilidades:

Pode-se dizer que em praticamente todos os países do mundo é possível encontrar exemplos de utilização da linguagem dos quadrinhos nos mais diferentes setores ou atividades humanas, seja com finalidades de educação e treinamento, de entretenimento, como com fins de divulgação ou publicidade de produtos comerciais.

Segundo o autor, isso evidencia bem o potencial das histórias em quadrinhos para atingir todas as camadas da população, ainda que nem sempre aceito por todo o público. Assim como essa utilização ressalta a popularidade do meio na sociedade.

Essa percepção do uso das histórias em quadrinhos como uma forma de transmissão de conhecimentos mais específicos, isto é, com uma função mais utilitária, indo além do puro entretenimento, não é algo recente dentro do mercado de produção desse meio. Como colocado por Vergueiro (2009, p. 85) as primeiras revistas em quadrinhos com um viés puramente educacional foram publicadas, nos Estados Unidos, ainda durante a década de 1940.

Títulos como **True Comics**, **Real Life Comics** e **Real Fact Comics** traziam antologias de histórias abordando personagens famosos da história tanto norte-americana quanto mundial, além de figuras literárias e eventos históricos importantes. Podiam ser encontradas também produções de caráter mais religioso, como as da editora Educational



Comics, com **Picture Stories from the Bible**, **Picture Stories from American History**, **Picture Stories from World History** e **Picture Stories from Science**.

Além da proposta evangelizadora e histórica, os quadrinhos também passaram por um caminho mais de treinamento e educação. Na época da Segunda Guerra Mundial, o governo norte-americano utilizou a linguagem das histórias em quadrinhos como apoio para o uso de equipamentos e instruções de seus soldados em atividades específicas, usando até de autores conhecidos dos quadrinhos, como Will Eisner, em iniciativas de elaboração de manuais para treinamento militar, obtendo resultados bem expressivos (VERGUEIRO, 2009, p. 86). Outros exemplos desse tipo de uso dos quadrinhos podem ser encontrados olhando além do campo norte-americano.

Líderes como o chinês Mao-Tsé-Tung utilizaram a linguagem dos quadrinhos em iniciativas governamentais de educação popular, apresentando o mesmo modelo de vidas exemplares desenvolvido nas revistas religiosas, contudo, ao invés de preceitos ecumênicos, as obras traziam símbolos da nova sociedade que Mao pretendia implementar no país, como soldados, estudantes, lavradores e trabalhadores do povo.

Países como a França logo utilizaram a linguagem dos quadrinhos com uma visão educativa focada em maneiras mais lúdicas de apresentar temas complexos. Logo surgiram títulos com temáticas como a vida e as ideias de personagens importantes da ciência e da política para editores principiantes, como obras sobre Freud, Lênin, Einstein, Marx e temas como energia nuclear, estudos culturais e etc.

Em nosso país, as histórias em quadrinhos com essa visão mais direcionada para o aprendizado e compartilhamento de conhecimento, além da divulgação dogmática ou cívica, surgiram logo no início do desenvolvimento desse meio por essas bandas. Vergueiro (2009, p. 88) aponta que a primeira publicação infantil a divulgar os quadrinhos no Brasil foi à revista **Tico-Tico**, já em 1905.

Tinha histórias de conteúdo moral que visavam ensinar aos meninos de sua época como as crianças boas deveriam se comportar (VERGUEIRO, 2001). Posteriormente, várias editoras brasileiras publicaram revistas com vidas dos santos da Igreja, a Bíblia em Quadrinhos, a vida de Jesus Cristo e biografias dos heróis da pátria.

Um filão dentro do mercado editorial de quadrinhos que cresceu rapidamente no início de sua história foi o das versões de grandes obras da literatura mundial. Tais investidas levavam um texto reconhecível, e até aprovado, por pais e professores para um novo suporte de leitura. Assim, obras como a revista **Classics Illustrated**, publicada nos Estados Unidos e espalhada mundo afora - no Brasil com o nome de **Edição Maravilhosa** -, passavam para os

quadrinhos obras de autores como Charles Dickens, William Shakespeare, Daniel Defoe, Victor Hugo, Jonathan Swift, Edgar Allan Poe, entre outros.

Tais obras trabalhavam muitas vezes com uma forma simples de transposição do que se encontra no texto original (livro) ou ainda uma expansão de formas narrativas para a mesma história. Contudo, algumas questões sobre esse uso ainda persistem mesmo após tantos anos de sua prática. O que se ganha e o que se perde nessa transição de meios? É possível um livro ser transportado e a história se manter fiel, e ainda atrativa, dentro das características das histórias em quadrinhos? O que é feito é um processo de adaptação, no sentido de encaixar a obra a outro meio, ou uma tradução/decodificação da essência do livro para o quadrinho?

Contudo, antes de adentrarmos de fato numa análise empírica, se faz necessário compreendermos melhor as definições e visões acerca do conceito e aplicação da adaptação literária.

Sobral (2008, p. 04) ressalta que existem diversas abordagens teóricas sobre o assunto, “por esta razão, Bello (2005, p.152) considera ser mais prudente falar de «tipos de adaptação ou adaptações», uma vez que, para a autora, a palavra adaptação pode reportar-se a processos de transposição intersemiótica substancialmente diferentes”. A adaptação é um processo de diálogo intertextual onde o material original é reconstruído, reconfigurado, em outro universo expressivo.

Silva (2009, p. 3) discute um ponto muito debatido quando falamos sobre adaptações: sua fidelidade ao material original. O autor ressalta que:

A noção de fidelidade (e, conseqüentemente, submissão) estilística do filme em relação ao livro que adapta tende a criar uma relação de primazia em relação às obras; isto é, impõe um valor pregresso, no texto-fonte, que o filme deveria capturar e adequar a seus códigos representativos.

Silva coloca como uma forma de combater tal apego à **submissão estilística** é a compreensão de que a adaptação cinematográfica, e porque não ampliarmos para as outras formas de arte também, é um processo plural, hibridizante, multicultural e, até certo ponto, canibalizante. A partir de tal percepção, ver, assim, a adaptação como “uma relação entre dois sistemas simbólicos distintos” (SILVA, 2009, p. 3). Para o autor, características da obra **original** como período em que foi escrita, momento histórico, códigos de representação de sua época, construíram o que ela foi. Assim, do mesmo modo, seria com a adaptação dessa obra, tornando-a também única.

Também compartilhamos do pensamento do autor, no que tange a forma que o processo de análise comparativa entre obra e adaptação deve ser realizado. Para Silva (2009,



p. 3), “não adianta apenas catalogar as semelhanças e diferenças entre um filme e um livro (ou entre os códigos representacionais do cinema, do teatro e da literatura)”, ele segue apontando que uma contribuição importante seria relacionar a análise textual comparativa a uma perspectiva mais ampla, incluindo outros fatores como o mercado editorial; circuito de exibição, no caso de filmes e distribuição no caso de histórias em quadrinhos, foco de nosso estudo.

Achamos interessante acrescentar, a partir das pontuações de Sobral (2008, p.3), o fator de garantia de sucesso comercial e lucro financeiro que uma obra adaptada de um livro de sucesso, ou pelo menos criticamente e/ou educacionalmente aprovado, pode trazer.

Muitas adaptações são levadas a efeito por se tratarem de autores consagrados que colocarão, obrigatoriamente, a sociedade em contacto com os seus clássicos. É aquilo que Susan Hayward (2000, p.4) designa por «valor pedagógico», ou seja, as adaptações literárias podem instruir uma nação acerca da sua «herança literária».

Como visto, vários atrativos levam as adaptações literárias a serem buscadas por empresas de cinema, televisão, teatro, e editoras de histórias em quadrinhos. Essa última, apesar de um histórico bem consolidado de adaptações como visto anteriormente, teve um verdadeiro **salto** em 2006 quando o programa **Biblioteca na Escola**, do Governo Federal, que visava incentivar o hábito da leitura em estudantes de escolas públicas do ensino fundamental e médio, incluiu HQ de cunho educativo no acervo que distribui para estabelecimentos de ensino de todo o País. O projeto abarca cerca de 230 mil escolas no Brasil ao custo de mais de 54 milhões de reais.

Essa preocupação governamental com o uso dos quadrinhos como uma forma pedagógica ao mesmo tempo em que mostra um reconhecimento do meio e suas possibilidades, acarreta em debates sobre a qualidade das obras que surgem por conta desse interesse.

Junior (2009) aponta, em entrevista ao site Bigorna.net, que talvez dentro de muito breve nos deparemos com um anúncio em algum classificado de grande jornal, site, blog ou revista especializada em gibis dizendo:

Se você é autor de Quadrinhos e quer ter seus trabalhos publicados por uma grande editora, os seus problemas acabaram! Venha correndo fazer (ou trazer) para nós adaptações literárias para os Quadrinhos de obras de grandes autores brasileiros. De preferência que tenham caído em domínio público.

Ainda criticando tal modelo de uso dos quadrinhos, Junior ressalta que:

O oportunismo é tamanho que qualquer coisa ligada à adaptação literária é publicada, o que pode queimar o filme de muita gente, como acho que já está acontecendo. Quantos trabalhos, inclusive premiados e badalados, um bom



editor realmente mandaria para as livrarias pelo critério qualidade? Um? Dois? Três? Nenhum?

Além dessa discussão sobre o caráter de qualidade por conta do viés econômico, se questiona também o quanto uma adaptação em quadrinhos pode ter êxito em transmitir o livro com uma considerável qualidade, em relação até ao próprio bom uso das características peculiares do meio em questão. Para Zeni (2010), em entrevista ao *Jornal da Metodista*, o que é preciso antes de qualquer coisa é saber o que se pretende com aquela história em quadrinhos.

Se pretende que a sua adaptação seja um auxiliar ao texto original, então o que vai exigir é que ela seja o mais fiel possível. Se seu objetivo é fazer uma releitura, a exigência será de que o autor utilize os recursos da nova linguagem tão bem quanto o autor do texto original. É preciso uma preocupação muito grande com a qualidade, que a adaptação seja muito boa no seu novo meio, independente do original. Tanto que existem adaptações em diversos meios que ficam muito parecidas com os originais, mas tornam-se muito chatas.

Neto (2010), também em entrevista ao *Jornal da Metodista*, levanta a questão de que “o leitor precisa ter consciência que a história nunca será contada de forma igual [ao livro]”. Para ele, a adaptação é uma leitura, ou ainda releitura, de um livro pelo artista que a adaptou para os quadrinhos.

É importante que quem esteja lendo uma adaptação saiba que não está lendo a própria obra literária, mesmo quando a adaptação mantém-se fiel ao texto literário. O que penso, no entanto, é que muitas vezes há uma ‘pedagogização’ das histórias em quadrinhos, o que promove uma utilização empobrecida das mesmas, uma vez que se deixa de explorar todo o potencial artístico e comunicacional que esta linguagem tem e que merece ser explorada por si mesma.

Para entender melhor esse processo de adaptação e suas controvérsias, nos propomos a analisar quatro adaptações em quadrinhos da obra **O Alienista**, de Machado de Assis, observando suas diferenças – tanto em relação à obra original quanto entre si. As obras são: **Grandes Clássicos em Graphic Novel nº 1: O Alienista** (Editora Agir); **Clássicos Brasileiros em HQ: O Alienista** (Editora Ática); **O Alienista** (Companhia Editora Nacional) e, enfim, **Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos: O Alienista** (Editora Escala).

O livro

A obra escrita por Machado de Assis foi lançada inicialmente em **A Estação**, Rio de Janeiro, de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882, para no mesmo ano ser incorporada



ao livro **Papéis Avulsos**. A história narra às desventuras de Simão Bacamarte, médico conceituado em Portugal e na Espanha, que estuda a psiquiatria e inicia um estudo sobre a loucura e seus graus.

Passando-se na cidade de Itaguaí, Rio de Janeiro, os conflitos começam quando o médico funda a Casa Verde, um tipo de hospício para estudos a partir da observação do estado mental de moradores locais. Com o desenvolver dos acontecimentos o médico passa a internar todos que acreditava serem loucos, ocasionando inicialmente aplausos dos moradores e depois motim popular, rebelião e até intervenção militar. Vê-se no livro a busca de Machado em discutir a questão do cientificismo, burguesia da época, estrutura de tratamento psiquiátrico, entre outros temas, dentro de uma escola literária mais realista.

As revistas

O primeiro volume em quadrinhos analisado foi à versão da **Companhia Editora Nacional**, lançada em **2008**. A edição contém material extra, porém, podemos perceber nesse material não muito apuro editorial. Apesar de ter uma boa biografia de Machado de Assis, além de uma linha cronológica de seus romances, e do autor da HQ, o texto sobre o processo de adaptação para os quadrinhos é muito superficial. O glossário de termos usados existe, contudo, antes do início da leitura não se tem um aviso sobre ele para orientar o leitor durante a sua leitura. Podemos ainda colocar como questão problemática no que diz sobre sua constituição editorial o uso de uma fonte um tanto quanto inapropriada para a facilitação da leitura do texto.

Acerca da conexão com o texto original, a obra em quadrinhos trabalha com pouca criatividade, enchendo as páginas de legendas com blocos textuais longos, gerando pouca dinâmica visual, deixando os desenhos muitas vezes como simples figuração, quadro ilustrativo.

Ainda do ponto de vista editorial, observamos também pouca vontade em se fazer um trabalho mais artístico e caprichado na edição, ao vermos a capa feita a partir de agrupamento de quadros retirados do miolo da história. Outra questão que nos chamou a atenção foi a inserção de uma página de apresentação de personagens antes da história propriamente dita. Escolha que pode se justificar por um viés mais didático do produto, mas, que inibe a capacidade do leitor, ou ainda o estímulo a ele, de **perceber** tal informação dentro do contexto da história.



Declinando-se na parte mais artística da edição, compreendemos que o autor trabalha muito com o conceito de arquétipos, ou em alguns casos mais voltado para o estereótipo. Vemos essa predileção na própria constituição da **estética** dos personagens, montando o visual deles de acordo com suas atitudes (e visão do artista) no desenvolvimento da história. Ao mesmo tempo em que facilita para o público alvo compreender, antes mesmo de ler, a função de cada personagem, limita/direciona a percepção do leitor sobre eles. Vejamos, por exemplo, o protagonista, Simão Bacamarte, que na obra original de Machado de Assis em nenhum momento é confirmado pelo autor se é ou não o verdadeiro louco. Na obra em questão, desde sua caracterização visual é retratado com uma expressão **diferenciada**, buscando demonstrar um estereótipo de **loucura**. No geral, o autor faz uso pouco criativo dos recursos quadrinhístico, como estilos diferenciados de balões, planos e quadros.

Na edição da editora **Escala Educacional**, de **2006**, já podemos ver uma preocupação editorial maior com alguns pontos deixados mais de lado na versão anteriormente analisada. Nela, o próprio **editorial** já deixa claro o cuidado com a adaptação para a linguagem dos quadrinhos e a necessidade do leitor de ler o livro também. Além de trazer como extra a biografia de Machado de Assis e um encarte com atividades para serem respondidas sobre a linguagem dos quadrinhos, compreensão do texto e redação.

Contudo, na parte artística da obra, ela traz algumas manias encontradas também na versão da Companhia Editora Nacional, como o uso de fragmentos de quadros retirados da história para a capa; uso exagerado de legendas para contar a história, onde se poderia criar personagens ou algo visualmente mais atrativo para cumprir tal função; e blocos de texto em detrimento da imagem. Porém, nessa versão do conto machadiano podemos encontrar um esforço maior dos autores em utilizar de forma mais agradável e criativa os recursos dos quadrinhos e de narrativa, tentando tornar a história mais atrativa aos olhos do leitor.

A edição da **Editora Ática** traz uma preocupação mais aberta tanto com o lado didático da obra quanto o quadrinhístico. Desde sua introdução, contextualizando a história, com um índice para o material extra no fim da edição - onde podemos encontrar, além das costumeiras biografias de Machado, desenhista e roteirista; um dicionário de termos utilizados específicos da época; making of da adaptação (comparando trecho do texto original com o roteiro e página); e um suplemento de leitura para alunos, com exercícios de interpretação de texto e imagens. Uma mudança significativa do original para essa sua versão é a existência de



um alterego fantasmagórico do protagonista, junto com a afirmação de que ele é o autor das **crônicas da vila de Itaguaí**, diferente de Machado que não define o autor..

O conteúdo da adaptação, diferentemente das outras edições, traz um ar mais reflexivo que triste sobre a história de Simão Bacamarte, buscando uma maior valorização da imagem e do recurso do balão do que texto e legenda. Tal ar reflexivo já pode ser encontrado na capa da obra, onde encontramos em uma imagem de teor de **suspense** Simão em seu escritório, acompanhado de caveiras e fetos em potes, observando o leitor e um grupo de moradores passando pela janela do cômodo -representados apenas por sombras. Em outros trechos podemos encontrar não só um lado reflexivo, mas também a preocupação com o caráter visual do trabalho.

O trabalho realizado pela **Editores Agir** se diferencia dos outros por ter um caráter mais artístico e menos didático, demonstrando uma maior liberdade criativa para os autores na construção da obra. Desde a sua capa, que mostra o alienista em seu escritório e um cérebro em destaque no centro, passando pelo prefácio realizado por **Flávio Moreira Costa** que dá um tom de livro à obra, seguindo pelo trabalho gráfico que dá valorização ao desenho sem suprimir o texto.

Tal caminho ao mesmo tempo que tira as possibilidades de trabalho em salas de aula ao não trazer acréscimos como suplementos, glossários e etc., deixa espaço para a percepção e análise própria do leitor. Fugindo mais do que as outras edições de uma linha guia para o alunado.

Conclusão

A partir da observação das histórias em quadrinhos que se propuseram a levar para a nona arte à obra machadiana, concluímos que das quatro investidas editoriais três tiveram um caráter fortemente didático, com o interesse de se inserirem em editais públicos educacionais para serem distribuídas em escolas. Com tais interesses é notória uma menor preocupação com a inventividade narrativa a partir do uso dos recursos próprios dos quadrinhos, para por em primeiro plano o texto mais próximo possível do original.

Longe de crítica negativa a essa prática, haja vista não ser algo incomum - advindo de décadas e décadas posteriores -, procuramos por em questão a importância de alinhado ao teor didático, e a divulgação do trabalho literário brasileiro, não uma **doutrinação** para os



quadrinhos, mas, sim, uma preocupação com um bom trabalho nesse campo e que o leitor também possa conhecer mais dessa arte através da obra realizada.

Podemos ver um maior movimento nesse sentido na edição produzida pela **Editora Ática** – onde tanto no **miolo** da revista quanto no suplemento extra, trabalha questões relativas aos quadrinhos melhor do que nas produções realizadas pelas editoras **Escala Educacional** e **Companhia Editora Nacional**.

Assim, podemos ver nessas obras bem o ponto de vista apontado pelo autor Gonçalo Junior, de não muita preocupação com a qualidade do trabalho, mas, sim, a pura publicação por interesses editoriais. Esse ponto toca no que Lielson Zeni colocou de ser preciso saber o que se pretende com a história a ser adaptada, no caso de alguns serem um mero auxiliar em sala de aula, levando ao que o professor Elydio dos Santos Neto definiu como **pedagogização** das histórias em quadrinhos, fenômeno que restringe a utilização de suas características a um uso empobrecido, sem tanta criatividade.

Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 1. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008. 280 p.

JUNIOR, Gonçalo. **A onda de adaptações literárias e as armadilhas do mercado**. São Paulo, set. 2009. Disponível em:

<http://www.bigorna.net/index.php?secao=guerradosgibis&id=1254162242>. Acesso em: 17 de abril de 2012.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula**. 1 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2004. 160 p.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Muito Além dos Quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte**. 1 ed. São Paulo: Ed. Devir, 2009. 207 p.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Adaptação literária no cinema brasileiro contemporâneo: um painel analítico**. In: Rumores – revista online de Comunicação Linguagem e Mídias, São Paulo, v. 2, n. 2. jan-abril. 2009. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/viewFile/6544/5951>. Acesso em: 17 de abril de 2012.

SOBRAL, Filomena Antunes. **As letras no pequeno ecrã: adaptação literária para televisão**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31., 2008, Natal/RN. Anais eletrônicos. Disponível em:

http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4705/1/Brasil_2008.pdf. Acesso: 17 de abril de 2012.



Adaptações de obras de literatura para os quadrinhos, um dos nichos que mais cresce no mercado dos gibis. Jornal da Metodista, São Paulo, 2010. Ano 17, nº 90. Disponível em: <http://www.metodista.br/jornal-metodista/90/literatura-em-quadrinhos>. Acesso em: 17 de abril de 2012.